

FRED VARGAS

# UM LUGAR INCERTO

Tradução de Isabel St. Aubyn

# 1

O comissário Adamsberg sabia passar as camisas a ferro, a mãe ensinara-o a espalmar a parte dos ombros e a alisar o tecido em redor dos botões. Desligou o ferro, arrumou a roupa na mala. Barbeado, penteado, estava de partida para Londres, não havia maneira de escapar.

Deslocou a cadeira para se instalar no quadrado de sol da cozinha. A divisão abria para três lados, o que o obrigava a arrastar a cadeira à volta da mesa redonda, perseguindo a luz como um lagarto dá a volta a um rochedo. Adamsberg pousou a tigela de café do lado leste e sentou-se de costas para o calor.

Agradava-lhe ir visitar Londres, verificar se o Tamisa cheirava a roupa bafienta como o Sena, ouvir como guinchavam as gaivotas. Era possível que as gaivotas guinchassem em inglês e em francês de maneira diferente. Mas não lhe restaria tempo para ficar a saber. Três dias de colóquio, dez comunicações por sessão, seis debates, uma receção no Ministério do Interior. Haveria mais de uma centena de polícias de topo reunidos no vasto *hall*, polícias e ninguém mais, vindos de vinte e três países para otimizar a grande Europa policial e mais precisamente para «harmonizar a gestão dos fluxos migratórios». Era o tema do colóquio.

Diretor da Brigada Criminal de Paris, a presença de Adamsberg era indispensável, mas esse aspeto não o preocupava. A sua participação seria ligeira, quase fugaz, por um lado devido à sua hostilidade em relação à «gestão dos fluxos», por outro porque nunca conseguira decorar

uma única palavra de inglês. Acabou de beber o café tranquilamente, lendo a mensagem que lhe enviava o comandante Danglard. *Encontro daqui a 1h20 no balcão registo bagagens. Malvado túnel. Levo casaco decente para si, com gravata.*

Adamsberg passou o polegar pelo ecrã do telemóvel, apagando assim a ansiedade do seu adjunto, como quem limpa o pó a um móvel. Danglard adaptava-se mal à marcha, à corrida, pior ainda às viagens. Atravessar o canal da Mancha pelo túnel atormentava-o tanto quanto passar por cima dele de avião. Contudo, não cederia o seu lugar a ninguém. O comandante adotara há trinta anos a elegância do vestuário britânico, na qual apostava para compensar a sua natural falta de estilo. A partir desta opção vital, alargara a sua gratidão ao resto do Reino Unido, tornando-se no tipo fiel do francês anglófilo, adepto da graça e dos modos, da delicadeza, do humor discreto. Exceto quando perdia as estribelas, o que diferencia o francês anglófilo do inglês verdadeiro. Assim, a perspectiva de uma viagem a Londres regozijava-o, fluxo migratório ou não. Restava transpor o obstáculo do *malvado túnel*, que iria percorrer pela primeira vez.

Adamsberg passou a tigela por água, pegou na mala, perguntando-se que espécie de casaco e de gravata o comandante Danglard lhe teria reservado. O vizinho, o velho Lucio, batia intensamente à porta envidraçada, abanando-a com a força considerável do seu punho. A Guerra de Espanha levava-lhe o braço direito quando ele tinha nove anos, e dir-se-ia que, em consequência, o membro esquerdo desenvolvera-se, a fim de concentrar a dimensão e a robustez de duas mãos. Com o rosto colado à vidraça, chamava Adamsberg com o olhar, imperioso.

– Vem depressa – murmurou ele num tom imperioso. – Eles não conseguem sair, preciso da tua ajuda.

Adamsberg pousou a mala no chão, no pequeno quintal maltratado que partilhava com o velho espanhol.

– Vou passar três dias a Londres, Lucio. Ajudar-te-ei no regresso.

– Demasiado tarde – resmungou o velho.

E quando Lucio resmungava assim, carregando nos «r», produzia um ruído tão surdo que Adamsberg ficava com a impressão de que o

som saía diretamente da terra. O comissário pegou na mala, já a pensar na Gare du Nord.

– Quem é que não consegue sair? – perguntou ele numa voz distante, dando a volta à chave da porta.

– A gata que vive debaixo do alpendre. Sabias que ia ter filhos, não sabias?

– Não sabia que havia uma gata debaixo do alpendre e estou-me nas tintas.

– Então ficaste a saber agora. E não podes estar-te nas tintas, *hom-bre*. Ela ainda só expulsou três. Um morreu, e outros dois estão atravessados, apalpei-lhes as cabeças. Eu massajo para empurrar e tu, tu puxas. Cuidado, não pressionas com muita força no momento da expulsão. Um gato recém-nascido esfarela-se nas mãos como um biscoito seco.

Preocupado e imperativo, Lucio coçava o braço que lhe faltava agitando os dedos no ar. Explicara imensas vezes que, quando perdera o braço, aos nove anos de idade, tinha sido picado por uma aranha e passava o tempo a coçá-lo. Que, por essa razão, a picada ainda lhe provocava pruridos sessenta e nove anos mais tarde, pois não pudera acabar de se coçar, de resolver o assunto definitivamente, de pôr cobro ao episódio. Explicação neurológica fornecida pela mãe, e que, para Lucio, adquirira foros de filosofia total, que ele adaptava a todas as situações e a todos os sentimentos. É preciso terminar, ou não começar. Ir até ao fim, mesmo no amor. Quando um ato de vida o preenchia intensamente, Lucio coçava a picada interrompida.

– Lucio – disse Adamsberg mais claramente, atravessando o pequeno quintal –, o meu comboio parte dentro de uma hora e um quarto, o meu adjunto atormenta-se de inquietação na Gare du Nord, e eu não vou ajudar o teu animal a parir enquanto cem chefes da polícia me esperam em Londres. Desenvencilha-te, contar-me-ás a história no domingo.

– E como queres tu que me desenvencilhe com isto? – gritou o velho, erguendo o coto do braço.

Projetando para a frente o queixo prognata e digno de um Velázquez, segundo o comandante Danglard, Lucio deteve Adamsberg com a sua mão vigorosa. O velho já não via suficientemente bem para se

barbear corretamente e deixava escapar pelos à passagem da navalha. Brancos e ásperos, espetados aqui e ali, formavam uma decoração de picos grisalhos, brilhando levemente ao sol. Às vezes, Lucio entalava um pelo nos dedos, apertava-o resolutamente entre as unhas e puxava, como quem extirpa uma carraça. Não o largava enquanto não desse cabo dele, segundo a filosofia da picada de aranha.

– Vem comigo.

– Deixa-me em paz, Lucio.

– Não tens outro remédio, *hombre* – declarou Lucio, consternado.

– Foi um episódio que se te atravessou no caminho e que terás de resolver. Ou, então, causar-te-á pruridos durante a vida inteira. Não demorarás mais de dez minutos.

– O comboio também se atravessou no meu caminho.

– Ficaré para depois.

Adamsberg pousou de novo a mala, suspirou de impotência e seguiu Lucio até ao alpendre. Uma pequena cabeça viscosa e encharcada de sangue emergia entre as patas do animal. Obedecendo às instruções do velho espanhol, amparou-a suavemente enquanto Lucio comprimia o ventre com um gesto profissional. A gata miava de dor.

– Puxa melhor, *hombre*, pega-lhe pelas patas e puxa! Com firmeza e suavidade, sem comprimir o crânio. Com a outra mão, acaricia o focinho da mãe, que entrou em pânico.

– Lucio, quando acaricio a testa de alguém, a pessoa adormece.

– *Joder!* Anda, puxa!

Passados seis minutos, Adamsberg pousava numa manta velha dois gatinhos vermelhos e pipilantes ao lado de outros dois. Lucio cortou os cordões e aproximou os recém-nascidos, um a um, das tetas da gata. Fixava na mãe que gemia um olhar inquieto.

– Que história é essa da tua mão? Como é que adormeces as pessoas?

Adamsberg meneou a cabeça, ignorante.

– Não sei. Quando pouso a mão na cabeça das pessoas, elas adormecem. Mais nada.

– É o que fazes ao teu filho?

– Sim. Acontece que as pessoas adormeçam enquanto falo com elas. Até já adormeci suspeitos durante interrogatórios.

– Então faz o mesmo à gata. *Apúrate!* Adormece-a.

– Meu Deus, Lucio, não consegues convencer-te de que tenho de ir apanhar um comboio?

– É preciso acalmar a mãe.

Adamsberg estava-se nas tintas para a gata mas não para o olhar ansioso que o velho pousava nele. Acariciou a cabeça da gata, incrivelmente macia, porque, era verdade, não tinha outro remédio. A respiração do animal acalmou enquanto os dedos de Adamsberg rolavam como berlindes do focinho para as orelhas. Lucio meneava a cabeça, deleitado.

– Adormeceu, *hombre*.

Adamsberg retirou lentamente a mão, limpou-a na erva húmida e afastou-se, recuando.

Avançando pela plataforma da Gare du Nord, sentia endurecer as substâncias secas entre os dedos e debaixo das unhas. Chegara com vinte minutos de atraso, Danglard caminhava ao seu encontro em ritmo apressado. No ar pairava sempre a impressão de que as suas pernas desajeitadas se iriam desarticular dos joelhos para baixo quando tentava correr. Adamsberg ergueu uma mão a fim de cortar cerce a corrida e as repreensões.

– Eu sei – disse ele. – Atravessou-se-me no caminho uma coisa que tive de fazer, sob pena de ficar a coçar-me para o resto da vida.

Danglard estava tão habituado às frases incompreensíveis de Adamsberg que raramente se dava ao trabalho de fazer perguntas. Como muitos outros na brigada, deixava andar, sabendo separar o essencial do acessório. Sem fôlego, apontou para o *guichet* de receção e afastou-se no sentido inverso. Seguindo-o sem se apressar, Adamsberg procurava lembrar-se da cor da gata. Branca com manchas cinzentas? Com manchas ruças?

## 2

– No vosso país também acontecem coisas estranhas – disse em inglês o superintendente Radstock aos colegas de Paris.

– O que diz ele? – perguntou Adamsberg.

– Que no nosso país também acontecem coisas estranhas – traduziu Danglard.

– É verdade – concordou Adamsberg sem se interessar pela conversa.

Naquele momento, o que lhe importava era caminhar. Estava em Londres, em junho, e era de noite, queria caminhar. Os dois dias de colóquio começavam a pôr-lhe os nervos em franja. Permanecer sentado horas a fio era uma das raras provações capazes de atacar a sua fleuma, de o levar a experimentar o estranho estado a que os outros chamavam «impaciência» ou «nervosismo», e que habitualmente lhe era inacessível. Na véspera, conseguira escapar-se três vezes, dera uma breve volta pelo bairro, fixara o alinhamento das fachadas de tijolo, as perspetivas das colunas brancas, os candeeiros de iluminação pública pretos e dourados, ousara alguns passos por uma ruela chamada St. Johns Mews, e sabe Deus como se pronunciaria qualquer coisa como «Mews». Aí, um bando de gaivotas fugira guinchando em inglês. Mas as suas ausências tinham sido notadas. Naquele dia, tinha-se mantido quieto no assento, alheio aos discursos dos colegas, incapaz de acompanhar o ritmo acelerado do intérprete. O *hall* encontrava-se apinhado de polícias, de agentes que faziam uso de todas as suas capacidades para apertar as malhas da

rede destinada a «harmonizar o fluxo migratório», a cercar a Europa com uma grade intransponível. Preferindo, desde sempre, o fluido ao sólido, o maleável ao estático, Adamsberg aderiu naturalmente aos movimentos deste «fluxo», e procurava com ele os meios de transpor as fortificações que se aperfeiçoavam à sua frente.

Aquele colega da New Scotland Yard, Radstock, parecia muito experiente em redes mas não se mostrava perturbado pela questão do seu rendimento. Reformar-se-ia dentro de um ano, com a ideia tipicamente britânica de ir pescar num lago lá mais para cima, segundo Danglard, que compreendia tudo e traduzia tudo, incluindo o que Adamsberg não estava interessado em saber. Adamsberg teria gostado que o seu adjunto se poupasse a traduções inúteis, mas os prazeres de Danglard eram tão raros, e parecia tão feliz por se esgojar na língua inglesa qual javali num lodaçal de boa qualidade que Adamsberg não queria furtá-lo a uma migalha de contentamento. Ali, o comandante Danglard parecia deliciado, quase etéreo, aprumando o corpo mole, endireitando os ombros caídos, adquirindo um prestígio que o tornava quase notável. Talvez admitisse vir um dia a reformar-se com aquele novo amigo para ir pescar num lago lá mais para cima.

Radstock aproveitava a boa vontade de Danglard para lhe contar pormenores da sua vida na Scotland Yard, mas também muitas anedotas picantes que considerava próprias para agradar a convidados franceses. Danglard ouvira-o durante o almoço sem se mostrar entediado, enquanto velava pela qualidade do vinho. Radstock chamava «Danglarde» ao comandante e os dois polícias encorajavam-se mutuamente, servindo um ao outro histórias e bebidas, deixando Adamsberg de fora. O comissário era o único dos cem polícias que nem sequer possuía rudimentos da língua. Participava, portanto, na qualidade de marginal, como esperara, e poucos haviam compreendido de quem se tratava ao certo. Ao seu lado, encontrava-se o jovem cabo Estalère, de olhos verdes sempre arregalados por uma surpresa crónica. Adamsberg quisera que Estalère participasse naquela missão. Dissera que o caso de Estalère se resolveria e, de vez em quando, condescendia em despender alguma energia para o conseguir.

\*

De mãos nos bolsos e vestido com elegância, Adamsberg desfrutava plenamente daquela longa marcha, enquanto Radstock andava de rua em rua, fazendo as honras das singularidades da vida noturna de Londres. Aqui, uma mulher que dormia debaixo de um teto feito de guarda-chuvas cosidos uns aos outros, embalando um *teddy bear* de mais de um metro de comprimento. «Um urso de peluche», traduzira Danglerd. «Eu compreendi», respondera Adamsberg.

– E ali – disse Radstock, apontando para uma avenida perpendicular –, podem ver lorde Clyde-Fox. O exemplo do que entre vós se chama o aristocrata excêntrico. Na verdade, não nos restam muitos. Reproduzem-se pouco. Este ainda é jovem.

Radstock deteve-se para lhes dar tempo de observar a personagem, com a satisfação de quem apresenta uma peça rara aos seus convidados. Adamsberg e Danglerd contemplaram-no numa atitude dócil. Alto e magro, lorde Clyde-Fox dançava desajeitadamente sem sair do mesmo sítio, prestes a cair, equilibrando-se ora num pé ora no outro. A dez passos de distância, outro homem fumava um charuto, cambaleando, atento às contrariedades do companheiro.

– Interessante – observou Danglerd, cortês.

– Frequenta muito estas paragens, mas não todas as noites – disse Radstock, como se os colegas beneficiassem de um verdadeiro golpe de sorte. – Entendemo-nos bem. Cordial, tem sempre uma palavra de simpatia. É uma referência na noite, uma luz familiar. A esta hora, regressa do seu passeio e tenta voltar para casa.

– Embriagado?

– Nunca totalmente. É para ele um ponto de honra explorar os limites, todos os limites, e agarrar-se a eles. Afirmo que, circulando pela crista da montanha, em equilíbrio entre as duas vertentes, tem a certeza de sofrer mas de nunca se entediar. Está tudo bem, Clyde-Fox?

– Está tudo bem, Radstock? – respondeu o homem, acenando com uma mão.

– Divertido – comentou o superintendente. – Enfim, às vezes. Quando a mãe morreu, há dois anos, quis devorar uma caixa de fotografias dela. A irmã interveio de forma bastante brutal e o episódio terminou mal. Uma noite no hospital para ela, uma noite na esquadra para ele. O lorde ficou louco de raiva por o impedirem de comer as fotos.

– Comer realmente? – perguntou Estalère.

– Comer realmente. Mas umas quantas fotografias, o que representa isso? Consta que uma vez, no vosso país, um tipo quis comer um armário de madeira.

– O que diz ele? – perguntou Adamsberg, vendo Radstock franzir o sobrolho.

– Diz que, em França, um tipo quis comer um armário de madeira. Propósito que, de resto, levou a cabo em poucos meses com a ajuda intermitente de dois ou três amigos.

– Uma verdadeira extravagância, hem, Denglarde?

– Totalmente verdadeira, passou-se no início do século xx.

– É natural – comentou Estalère, que muitas vezes escolhia mal as palavras ou o pensamento. – Sei de um homem que comeu um avião e não demorou mais de um ano. Um avião pequeno.

Radstock meneou a cabeça com alguma gravidade. Adamsberg reparara na sua atração pelos discursos solenes. Por vezes, elaborava longas frases que, pelo tom, se referiam à humanidade e, por isso mesmo, ao bem e ao mal, ao anjo e ao demónio.

– Há coisas – disse Radstock, enquanto Danglard traduzia em simultâneo – que um homem não é capaz de conceber enquanto outro homem não tiver a ideia peregrina de as realizar. Mas, uma vez efetuada essa coisa, boa ou má, entra no património da humanidade. Utilizável, reprodutível e mesmo ultrapassável. O homem que comeu o armário dá a possibilidade a outro de comer um avião. Assim se desvenda, aos poucos, o grande continente desconhecido da demência, como um mapa que se vai completando à medida das explorações. Avançamos sem visibilidade, guiados unicamente pela experiência, e é o que digo sempre aos meus homens. Por exemplo, lorde Clyde-Fox está a calçar e a descalçar os sapatos, e já recomeçou a operação não sei quantas vezes. E não se sabe porquê. Quando se souber, outro poderá fazer o mesmo.

»Ei, Clyde-Fox! – chamou o velho polícia, aproximando-se. – Algum problema?

– Ei, Radstock – respondeu o lorde numa voz muito suave.

Os dois homens trocaram um aceno familiar, dois frequentadores da noite, peritos que não tinham nada a esconder um ao outro.

Clyde-Fox pousava um pé no passeio, calçado só com uma peúga, segurando na mão o sapato, cujo interior examinava atentamente.

– Algum problema? – repetiu Radstock.

– Um enorme problema. Vá testar a sua coragem.

– Onde?

– À entrada do velho cemitério de Highgate.

– Não gosto que andem por ali a meter o nariz – resmungou Radstock. – O que foi lá fazer?

– Uma exploração no limite da transgressão na companhia de amigos selecionados – declarou o lorde, apontando com o polegar para o companheiro do charuto. – Entre o medo e a razão. Eu conheço o lugar em pormenor, mas ele queria vê-lo. Atenção – acrescentou Clyde-Fox baixando a voz. – O camarada está bêbedo como um cacho e é veloz como um galgo. Já derrubou dois tipos no *pub*. Professor de dança cubana. Nervoso. Não é daqui.

Lorde Clyde-Fox sacudiu mais uma vez a peúga no ar, calçou-a e descalçou a outra.

– Ok, Clyde-Fox. E os sapatos? Está a despejá-los?

– Não, Radstock, controlo-os.

O homem de Cuba lançou uma frase em espanhol, que parecia significar que estava farto e ia retirar-se. O lorde dirigiu-lhe um aceno de indiferença.

– Em sua opinião – prosseguiu Clyde-Fox –, que se pode enfiar em sapatos?

– Pés – interveio Estalère.

– Exatamente – disse Clyde-Fox, lançando um olhar de aprovação ao jovem cabo. – E é preferível verificar que são os nossos próprios pés que estão nos nossos sapatos. Radstock, se me iluminasse com a lanterna, talvez pudesse terminar esta operação.

– O que quer que lhe diga?

– Se vê alguma coisa lá dentro.

Enquanto Clyde-Fox mantinha os sapatos no ar, Radstock inspecionou minuciosamente o seu interior. Adamsberg, ignorado, andava vagarosamente à volta deles. Imaginava o tipo que mastigara o armário, aos poucos, durante meses. Perguntava-se se preferiria comer um armário ou um avião, ou as fotos da mãe. Ou outra coisa? Outra coisa que

desenhasse um novo pedaço do *continente desconhecido da demência* descrito pelo superintendente.

– Nada – disse Radstock.

– Tem a certeza?

– Sim.

– Muito bem – disse Clyde-Fox, voltando a calçar-se. – Uma história suja. Cumpra o seu dever, Radstock, vá ver aquilo. À entrada. Uma quantidade de sapatos velhos abandonados no passeio. Prepare a sua alma. Talvez sejam cerca de vinte, não pode deixar de os ver.

– Não é esse o meu trabalho, Clyde-Fox.

– Claro que é. Estão cuidadosamente alinhados, as biqueiras voltadas para o cemitério, como se quisessem entrar lá para dentro. Estou a falar do velho portão principal, como é evidente.

– O velho cemitério é vigiado de noite. Encerrado aos homens e aos sapatos dos homens.

– Pois bem, ainda assim querem entrar, e toda a sua atitude é muito desagradável. Vá vê-los, cumpra o seu dever.

– Clyde-Fox, estou-me nas tintas para os sapatos velhos que querem entrar no cemitério.

– Faz mal, Radstock. Porque há pés dentro dos sapatos.

Instalou-se um silêncio, uma onda de choque desagradável. Da garganta de Estalère elevou-se um queixume ténue, Danglard cruzou os braços. Adamsberg deteve-se e ergueu a cabeça.

– Merda – sussurrou Danglard.

– O que diz ele?

– Diz que os sapatos velhos querem entrar no antigo cemitério. Diz que Radstock faz mal em não querer ir ver, porque há pés dentro dos sapatos.

– Está bem, Denglarde – interrompeu-o Radstock. – O homem está bêbedo. Está bem, Clyde-Fox, embriagou-se. Vá para casa.

– Há pés dentro dos sapatos, Radstock – repetiu o lorde numa voz calma, para indicar que estava equilibrado na crista da montanha.

– Cortados à altura do tornozelo. E os pés procuram entrar no cemitério.

– Ok, procuram entrar.

Lorde Clyde-Fox começara a pentear-se com todo o cuidado, sinal da sua partida iminente. Ter confiado o problema que o atormentava parecia tê-lo remetido à sua vida normal.

– Pense em sapatos bastante velhos – acrescentou ele –, quinze ou vinte anos, talvez. De homem e de mulher.

– E os pés? – perguntou Danglard discretamente. – Os pés estão em estado de esqueleto?

– *Let down*. O homem está bêbedo, Denglarde.

– Não – disse Clyde-Fox, guardando o pente e ignorando Radstock. – Os pés estão quase intactos.

– E procuram entrar no cemitério – rematou o superintendente.

– Precisamente, *old man*.